

A memória, o cinema e o design: diferentes casos mostrados na tela

Marcelo Seabra

Universidade do Estado de Minas Gerais

<http://lattes.cnpq.br/6145376264221043>

mseabra@gmail.com

Resumo:

É muito comum ver o lançamento de filmes que tratam de algum aspecto relacionado a memória: desde os mais convencionais, que rememoram a infância ou juventude de um personagem e demandam uma reconstituição de época, aos mais arrojados, que trabalham com futuros alternativos criados do zero em que a memória pode ser alterada, apagada e afins. Do drama à ficção científica, exigindo diferentes funções do designer de produção, a memória é um assunto frequente nas telas. É isso que este artigo aborda, trazendo uma análise mais detalhada dos filmes *A Era do Rádio*, cuja história é inspirada pelas lembranças do diretor, roteirista e narrador Woody Allen, *Caminhos da Memória*, um roteiro original da também diretora Lisa Joy que imagina um hipotético profissional especializado em levar o cliente pelas próprias memórias, seja para revisitá-las ou para esclarecer algo e *Para Sempre Alice*, drama realista e atual sobre uma professora que recebe um diagnóstico precoce de Alzheimer.

Palavras-chave:

Design. Memória. Filme. Cinema. Lembrança.

Eixo temático:

Design e identidade

Memory, cinema and design: different cases shown on screen

Abstract:

*It is very common to see the release of films that deal with some aspect related to memory: from the more conventional ones, which recall a character's childhood or youth and demand a period reconstruction, to the more daring ones, which work with alternative futures created from scratch, in which memory can be changed, erased or something like it. From drama to science fiction, requiring different tasks from the production designer, memory is a frequent subject on screen. This is what this article addresses, bringing a more detailed analysis of the films *Radio Days*, whose story is inspired by the memories of director, screenwriter and narrator Woody Allen, *Reminiscence*, an original script by director Lisa Joy that imagines a hypothetical professional specialized in taking the clients through their own memories, whether to revisit them or to make something clear and *Still Alice*, a realistic and modern drama about a teacher who receives an early Alzheimer's diagnosis.*

Key words:

Design. Memory. Film. Cinema. Reminiscence.

Introdução

A memória geralmente é tratada em filmes usando-a como uma ferramenta para explorar a condição humana, por meio de metáforas ou outras figuras de linguagem. Os filmes costumam retratar aspectos distintos relacionados à memória, desde simples lembranças a deficiências advindas de enfermidades. Ou seja: função e disfunção da memória (SEAMON, 2015). Filmes têm a capacidade de representar a paisagem da mente e criar imagens para coisas vistas apenas lá, tornando-os uma forma única de representação visual e textual para a memória (MACDOUGALL, 1992).

Um filme pode se utilizar de diferentes formas de memória, como memorabilia, lembranças individuais, memórias cerimoniais ou memórias míticas (SILBEY, 2014). O cinema tornou-se central para a mediação da memória na vida cultural moderna, com a própria tela de cinema se tornando parte integrante da imaginação cultural (GRAINGE, 2018). No entanto, é forte a vertente da ficção científica que trabalha o tema, principalmente devido à diversidade de possibilidades. Pode ser abordada pelo filme a forma como a memória é formada, armazenada, acessada ou até manipulada, retirando-se ou plantando-se informações.

O presente artigo mostra como o design de produção é imprescindível para um bom resultado no cinema, independente da proposta do filme. “A qualidade artística de um filme depende da solidez de seu design” (HOLIFIELD, 2016). São abrangidas três áreas distintas no que diz respeito à abordagem da memória no cinema: uma comédia dramática que trabalha as lembranças do diretor, exigindo do designer de produção um minucioso trabalho de reconstituição das décadas de 1930 e 1940; uma ficção científica ambientada num futuro não muito distante, quando é possível acessar as memórias e revivê-las, forçando a equipe de arte a recriar passado e futuro, numa variação da realidade que conhecemos; e um drama intimista que nos leva para dentro da cabeça de uma professora que descobre que sua memória está se esvaindo devido a uma doença.

A era do rádio

Ambientado na década de 30, o filme *A Era do Rádio* (*Radio Days*, 1987) apresenta a história de uma família de classe média de Nova York que se reúne para ouvir programas de rádio. O diretor e roteirista Woody Allen constrói um retrato nostálgico e detalhado do período, usando suas próprias memórias para mostrar o impacto da mídia no imaginário coletivo e a importância do rádio como meio de entretenimento. “A memória é seletiva, ela escolhe o que lembrar e o que esquecer”, explica o historiador Pierre Nora (1993), lembrando que a memória não é uma reprodução fiel do passado, mas uma construção enviesada que ressalta certos fatos e esquece outros.

Através de vários esquetes cômicas, Allen nos apresenta a diversos personagens que vivem situações inusitadas, como os dois ladrões que atendem o telefone na casa em que estão roubando e acabam participando de um programa de rádio ao vivo. Uma família está no centro dos acontecimentos e o protagonista é o garoto Joe (interpretado por Seth Green quando jovem), e é ele quem narra o longa (na voz do diretor, que não aparece).

O tema da memória é central em *A Era do Rádio*. Através da narração de Joe, que recorda sua infância na década de 1930 em Rockaway Beach, Nova York, o filme evoca a nostalgia de um tempo passado e perdido. São abordadas questões de identidade, pertencimento e assimilação cultural. A família de Joe é imigrante e lida com as dificuldades de se adaptar a um novo país e cultura, enquanto tenta preservar suas tradições e valores. O cinema documental lida com a memória histórica por meio do uso de imagens de arquivo, entrevistas e encenações, pintando um quadro relacionado a um fato e envolvendo os espectadores em uma experiência temporal e imersiva (FRANÇA, 2011). Não é o caso aqui de ser documental, já que Allen ficcionaliza e parte para o lúdico, mas atinge um resultado que consegue igualmente envolver seu público.

O filme também traz outros temas relevantes, como a influência da mídia na sociedade e a relação entre pais e filhos. Allen faz uma reflexão sobre a importância da comunicação e do diálogo em uma família, mostrando como a falta de comunicação pode gerar conflitos e separações. Além disso, o diretor apresenta uma visão crítica da sociedade americana da época, com seus valores conservadores e preconceituosos.

O rádio, nos anos 30, era um dos principais meios de comunicação e a vida da família judia-americana retratada gira em torno dele. Através de programas de rádio populares da época, como "*The Masked Avenger*" e "*Guess That Tune*", o filme apresenta o rádio como uma forma de escapismo e entretenimento para uma nação em crise durante a Grande Depressão.

A visão passada, no entanto, é leve e bem-humorada, o que nos mostra como a memória pode ser alterada com o passar dos anos. Por mais difícil que possa ter sido viver a época, não é assim que Joe se lembra. É como explica Maurice HALBWACHS (1990): "Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais". Lembranças se transformam, como o ser humano se transforma. Halbwachs chama a atenção para a seletividade da memória: mesmo que inconscientemente, nós escolhemos o que lembrar e como.

A trilha sonora, como sempre acontece nos filmes de Allen, é uma atração à parte, composta por canções da época e interpretada por artistas renomados, como Louis Armstrong e Billie Holiday. O elenco conta com vários colaboradores frequentes do diretor, como Mia Farrow, Dianne Wiest, Diane Keaton, Wallace Shawn, Larry David, Danny Aiello e Jeff Daniels. Todos impecáveis em seus papéis.

A Era do Rádio é uma obra cinematográfica que valoriza a arte de contar histórias e resgata uma época marcante da cultura americana. Allen utiliza uma narrativa inteligente e emocionante, combinada com a fotografia marcante de Carlo Di Palma e um figurino e cenários ricos em detalhes, assinados por Santo Loquasto, para nos transportar para a década de 30. Loquasto criou tudo em um estúdio em Nova York, o Kaufman Astoria Studios, o que torna esse trabalho ainda mais fantástico, já que há casas, auditórios e cabines de rádio, além de todo o figurino marcante dos programas de televisão.

O filme, mesmo que de forma ficcional e exagerada, é uma homenagem às memórias do diretor e roteirista e à importância da comunicação nas relações humanas. A memória é usada como uma ferramenta para explorar o passado e dar sentido ao presente. Através das lembranças de Joe, com uma primorosa e premiada direção de arte, o filme nos faz sentir a nostalgia e a emoção da época. E, ao mesmo tempo, nos lembra da importância de lembrar do passado e preservar nossa história e tradições. Para CANDAU (2016), o passado compõe a identidade de cada ser. Aqui, Woody Allen nos revela a dele.

Caminhos da memória

Com tantas sequências e adaptações chegando aos cinemas, uma trama original deve ser sempre saudada como um sopro de vento fresco. Mas uma história requeitada que traz outras várias, melhores, à mente pode ser ainda pior. Caminhos da Memória (*Reminiscence*, 2021) busca misturar alguns temas e, apesar de não pecar em todos, não consegue fugir do lugar-comum já frequentado por grandes obras quando ainda havia ineditismo. E não ajuda em nada ter diálogos terríveis que poderiam ter sido escritos por George Lucas.

Num futuro próximo, mudanças climáticas inundaram Miami e o calor faz as pessoas trocarem o dia pela noite. Nesse cenário caótico, temos um sujeito que mantém a barba por fazer e a gravata propositalmente frouxa e vive de conduzir pessoas por suas próprias memórias, seja por gostarem delas ou por precisarem esclarecer algum ocorrido. Nick Bannister é vivido por Hugh Jackman, que aposentou seu Wolverine e, mesmo sendo uma obra de ficção científica, vive um típico personagem dos clássicos do policial noir.

Cocriadora da série *Westworld*, Lisa Joy faz aqui sua estreia na direção e roteiro de um longa-metragem. Ela parece ter feito o dever de casa, pesquisando diversas influências para sua história, começando por Hitchcock. O problema é que são todas muito presentes, e muito superiores. O clima do filme parece ser uma mistura de Relíquia Macabra (ou O Falcão Maltês, de 1941) com A Origem (*Inception*, 2010), com Jackman requeitando o tipo imortalizado por Humphrey Bogart: o sujeito durão, calejado, que no fundo não passa de um romântico. E a linda Rebecca Ferguson é a mulher fatal da vez, guardando segredos que infelizmente não serão tão surpreendentes assim.

O casal principal é competente e carismático. A química entre eles até funciona, apesar do relacionamento soar um tanto pré-formatado. Os desdobramentos da história é que perdem totalmente

o interesse do espectador, que terá que perseverar contra o sono. Buscas forçadas, lutas intermináveis e uma investigação que não passa de uma consulta a memórias deixam claro que estamos perdendo tempo. Há cenas bonitas, que dão a impressão de que Joy tinha boas ideias pontuais, não sabendo exatamente como costurá-las.

Se há uma coisa em Caminhos da Memória que funciona bem é o design de produção. Com locações em lugares reais de Miami, como a ponte do porto e o prédio do Whitney Bank, a cidade precisou de muitas adaptações para chegar à visão de Joy daquele futuro ligeiramente apocalíptico, debaixo d'água. O escritório de Bannister e a própria máquina de reminiscências, que dá o título original ao filme, precisaram ser criados do nada e em detalhes, trazendo o clima de ficção-científica ao policial já estabelecido.

A narrativa joga com a tênue linha entre a realidade e ilusão, explorando as memórias no presente, mas mostrando como elas podem ser manipuladas. Aborda temas como amor, perda, obsessão e como o passado pode ser decisivo nas vidas das pessoas. As memórias podem ser tanto uma bênção quanto uma maldição, afetando a forma como vivemos e as escolhas que fazemos. Apesar de não muito bem sucedido em sua narrativa, Caminhos da Memória exemplifica como os filmes de ficção científica frequentemente exploram a complexidade da memória e suas implicações para a experiência humana.

Para sempre Alice

Personagens doentes sempre atraem atenção em filmes e muita gente se sente compelida a apoiar a obra, sob pena de ser chamada de insensível ou desalmada. Mas a verdade é que é muito fácil errar a mão e partir para o melodrama irritante e irreal. Para Sempre Alice (*Still Alice*, 2014) é uma grata surpresa ao mostrar que sabe lidar com a doença e com a pessoa vitimada, sem apelar à emoção fácil. A protagonista frequentemente nos coloca na mesma perspectiva dela, nos fazendo ver como é duro perder aos poucos sua própria identidade. E ajuda muito ter uma ótima intérprete.

A premiada Julianne Moore faz a professora Alice Howland, uma sumidade na área da linguística que leciona na prestigiada Universidade de Columbia e tem uma vida realizada. Sua bela família e a bem sucedida carreira permitem que ela não tenha nada a reclamar, e seus objetivos profissionais continuam sendo atualizados de tempos em tempos. Mas Alice começa a ser surpreendida por esquecimentos bobos à primeira vista, e isso começa a acontecer com mais intensidade. Ela logo é diagnosticada como uma vítima precoce do mal de Alzheimer e tem ainda que lidar com a possibilidade de ter passado essa herança aos filhos.

Assim como visto em Amor (*Amour*, 2012), em que um idoso precisa lidar com o devastador derrame da esposa, Para Sempre Alice constrói um panorama bem crível e objetivo. Alice se definia em sua profissão e começa aí o primeiro questionamento que o filme levanta: a doença te transforma em outra pessoa? Você deixa de ser você? Ou Alice, como o título indica, será sempre Alice, independente de qualquer coisa? E o pior parece ser quando, nos momentos de lucidez, ela percebe o que está acontecendo e isto pesa ainda mais. Ela não quer ser um fardo para a família, e mais ainda: será que seria interessante continuar viva mesmo que sumindo aos poucos? Qual seria a atitude mais apropriada? O desespero que bate na personagem nesses momentos em que ela entende o que está havendo é tocante.

Toda essa sensibilidade seria desperdiçada se não houvesse uma atriz capaz de dar a Alice três dimensões. Julianne Moore, celebrada há anos como uma das melhores atrizes norte-americanas em atividade, traz uma verdade à professora que é louvável, não tendo problema algum em mostrar os momentos difíceis da doença, como na cena em que ela precisa de ajuda para se vestir. Aparecer descabelada é uma constante, mostrando não ter uma vaidade que a impediria de passar tanta honestidade. Seu talento sobressai quando ela aparece menos, evitando exageros ou apelações. O simpático canastrão Alec Baldwin não compromete, vivendo o marido ficcional de uma atriz oscarizada pelo segundo ano consecutivo (após Blue Jasmine, 2013). As celebridades Kate Bosworth e Kristen Stewart representam as filhas de Alice, e Hunter Parrish é o filho. Esses quatro personagens ajudam a dar mais profundidade ao problema da mãe e esposa, mostrando que a fatalidade pode acontecer bem perto de nós.

Em um filme ambientado em outra época, seja um drama de memórias ou uma ficção científica futurística, o trabalho do designer de produção fica mais evidente, já que toda uma realidade é criada. Em um filme contemporâneo, sem grandes arroubos de inventividade, esse trabalho pode passar de forma mais discreta, mas é igualmente importante. O apartamento de Alice, por exemplo, diz muito sobre ela, com móveis e objetos muito organizados e de bom gosto. E há muitas cenas externas em que locações precisaram ser buscadas e trabalhadas, como as ruas por onde ela corre e a universidade onde ela leciona.

O casal de diretores e roteiristas independentes Richard Glatzer e Wash Westmoreland se incumbiu de escrever e conduzir a adaptação do livro da neurocientista Lisa Genova. Se o material original já trazia muita informação factual, o fato de Glatzer ser afetado pela esclerose lateral amiotrófica tornou o projeto ainda mais pessoal para eles. É a mesma doença do jogador de baseball Lou Gehrig e do cientista Stephen Hawking (retratado em *A Teoria de Tudo*, 2014). Assim como Alice, Glatzer lutava bravamente contra a condição - o diretor faleceu no ano seguinte. Se podemos querer acreditar que algo de bom pode sair de uma tragédia, *Para Sempre Alice* é um ótimo e doloroso retrato de um futuro provável para boa parte da população. Estima-se que um em cada 85 indivíduos venha a sofrer desse tipo de demência nas próximas décadas. Por isso, uma obra simples e direta como esta é sempre bem-vinda.

Conclusão

Memória é um tema que permite várias abordagens, como observado nos filmes escolhidos e analisados. Seja em um drama realista ou em uma ficção científica inventiva, o trabalho do designer de produção é essencial para que a visão do diretor ganhe vida e tome forma. Ele inclusive facilita o trabalho de outros profissionais, começando pelos atores, que são ajudados na composição de seus personagens, como é o caso da vencedora do Oscar Julianne Moore, de *Para Sempre Alice*. Em um filme como *Caminhos da Memória*, que exige de seu espectador uma crença no que está sendo apresentado, é fundamental que se crie uma realidade crível dentro da lógica daquele universo, mantendo uma espécie de acordo entre a obra e o sujeito que a aprecia. E o mesmo pode-se observar com *A Era do Rádio*: apesar de não ser ficção científica, também demanda um mundo próprio, conseguindo assim envolver e entreter o espectador.

Referências

- BAPTISTA, Mauro. **Design e Cinema**: caminhos possíveis de pesquisa. PUC-RIO, Rio de Janeiro, set. 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12211/12211.PDF> Acesso em: 20 jul. 2023.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- CARVALHO, Maria Flávia. Uma breve análise sobre a intervenção do design na esfera do cinema. **Revista Iniciacom**, vol. 8, n 2, 2019.
- FRANÇA, Andréa. **A Reencenação no Cinema** Documentário. MATRIZES, São Paulo, jul/dez, 2010.
- GRAINGE, Paul. **Introduction**: Memory and Popular Film. Manchester: Manchester University Press, 2018.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HOLIFIELD, Kacey. **Design and the Cinema**: An Application of Graphic Design to the Art of Filmmaking. 2016. Disponível em https://aquila.usm.edu/honors_theses/403 Acesso em 25 ago. 2023.
- MACDOUGALL, David. **Films of Memory**. Princeton University Press, 1998.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

SEAMON, John. **Memory and Movies:** What Films Can Teach Us about Memory. The MIT Press, 2015.

SILBEY, Jessica. Persuasive Visions: Film and Memory. Suffolk University Law School **Research Paper** No. 11-58, 2014.